

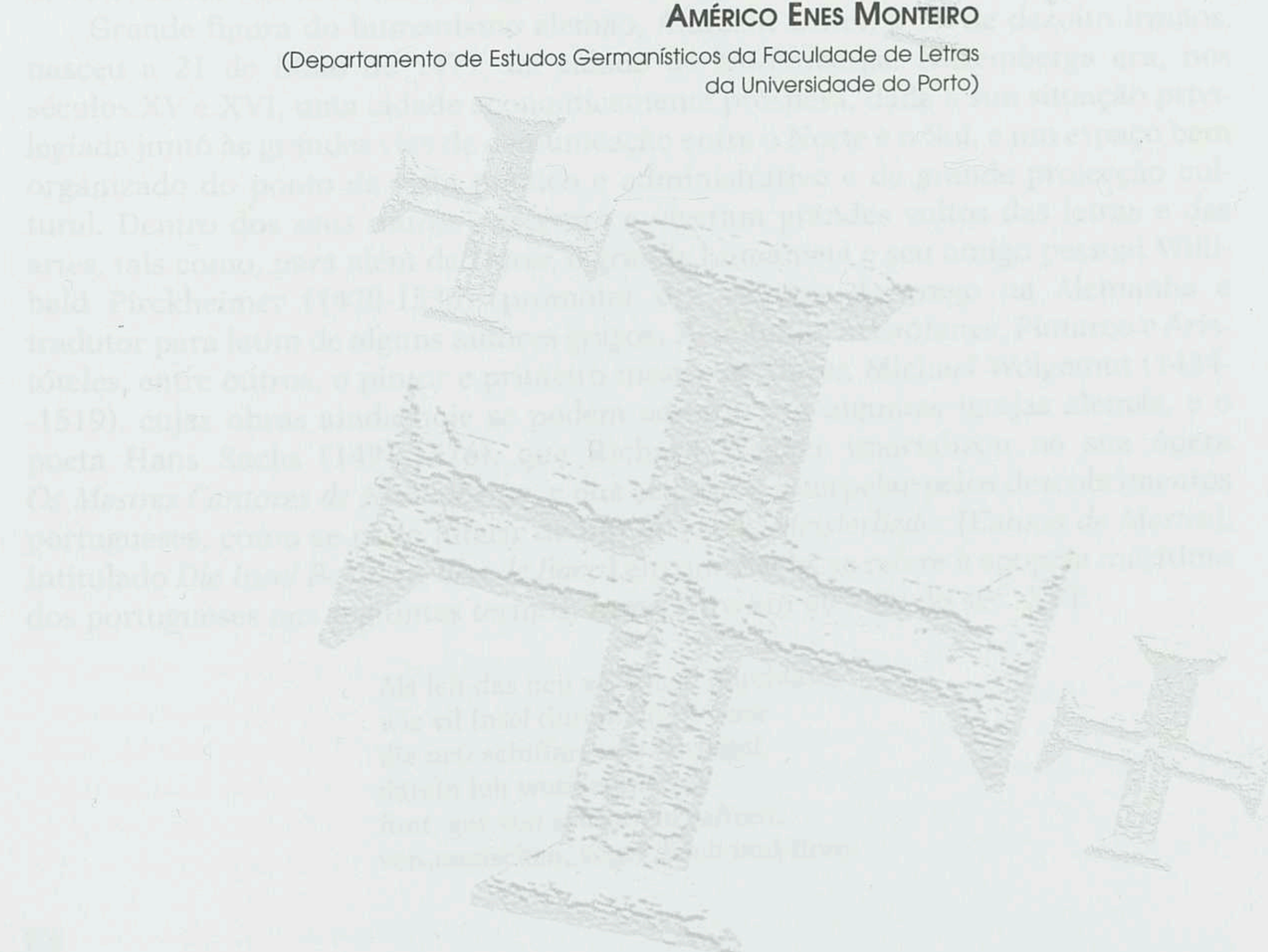
RELAÇÕES CULTURAIS LUSO-GERMÂNICAS NO CONTEXTO DO RENASCIMENTO HUMANISTA E DA REFORMA

por

AMÉRICO ENES MONTEIRO

(Departamento de Estudos Germanísticos da Faculdade de Letras
da Universidade do Porto)

Relações culturais luso-germânicas no contexto do Renascimento Humanista e da Reforma



1. A cruz portuguesa, símbolo da monarquia, aparece em diversas formas, incluindo a cruz de São João, a cruz de Cristo, e a cruz de Santa Cruz. A cruz portuguesa é uma cruz de braços largos, com uma borda decorada, e é o símbolo da monarquia portuguesa desde o século XV.

RELAÇÕES CULTURAIS LUSO-GERMÂNICAS NO CONTEXTO DO RENASCIMENTO HUMANISTA E DA REFORMA

O tema das relações culturais do nosso país com o mundo germânico na primeira metade do séc. XVI é um campo muitíssimo vasto que, abordado na sua totalidade, ultrapassaria em muito o âmbito duma comunicação deste género. Por isso limitar-me-ei a referir algumas figuras portuguesas e alemãs que no contexto do Humanismo e da Reforma se relacionaram de uma forma mais representativa. Relacionamento não só de convivência, mas também de confronto de ideias, pois a época caracterizava-se por um fervilhar de ideias, choque de opções, criatividade cultural. Privilegiarei as figuras de Albrecht Dürer no seu relacionamento com a feitoria portuguesa de Antuérpia e a de Damião de Gois nos seus contactos com alguns dos representantes do movimento humanista e reformador do mundo germânico. Digase de passagem que a feitoria de Antuérpia, no dizer de Joaquim de Vasconcelos, «foi a primeira e a melhor escola de diplomacia portuguesa do séc. XVI; [...] as mesmas mãos que contavam tão bem os ducados sabiam escolher igualmente bem uma obra de arte, salvar um livro raro, redigir um documento literário ou científico [...]»¹.

Grande figura do humanismo alemão, Albrecht Dürer, o 3.º de dezoito irmãos, nasceu a 21 de Maio de 1471, na cidade de Nuremberga. Nuremberga era, nos séculos XV e XVI, uma cidade economicamente próspera, dada a sua situação privilegiada junto às grandes vias de comunicação entre o Norte e o Sul, e um espaço bem organizado do ponto de vista político e administrativo e de grande projecção cultural. Dentro dos seus muros nasceram e viveram grandes vultos das letras e das artes, tais como, para além de Dürer, o grande humanista e seu amigo pessoal Willibald Pirckheimer (1470-1530), promotor dos estudos de grego na Alemanha e tradutor para latim de alguns autores gregos, Xenofonte, Aristóфанes, Plutarco e Aristóteles, entre outros, o pintor e primeiro mestre de Dürer, Michael Wolgemut (1434-1519), cujas obras ainda hoje se podem admirar em algumas igrejas alemãs, e o poeta Hans Sachs (1491-1576), que Richard Wagner imortalizou na sua ópera *Os Mestres Cantores de Nuremberga*, e que se deixou interpelar pelos descobrimentos portugueses, como se pode inferir de um dos seus *Meisterlieder* [*Cantos de Mestre*], intitulado *Die Insel Bachi* [*A Ilha de Baco*] em que Sachs se refere à epopeia marítima dos portugueses nos seguintes termos, transcritos em alemão do séc. XVI:

Als ich das neu weltbuch durchlase,
wie vil insel durchfahren wase
die neu schiffart von Portugal,
darein ich wunderane zal
funt, gar von seltsamen refiren,
von menschen, vögel, fisch und tiren;

¹ Apud A. Forjaz SAMPAIO, *História da Literatura Portuguesa Ilustrada*, Porto, Aillaud & Bertrand, 1929-1942, vol. III, p. 21.

Zu nachts trieb mich die fantasie
in ein schwere melancholeie,
nach zu gründen den dingen tief,
bis ich entlich darin entschlief.
Do traumet mir so eigentleiche,
wie ich in Portugal dem reiche
ausfüre auf das weite mer
in einer naue mit eim her
für manche insel gross und weite.

[Ao ler na nova Cosmografia ²
Por quantas ilhas passado havia
A nova empresa de Portugal,
Aí, sem conta e sem igual,
Fui achar coisas as mais estranhas
De homens, pássaros, peixes e feras.
De noite a fantasia
Levou-me a grave melancolia
De aprofundar de tudo o ser,
Até por fim adormecer
Para o mar largo sonhei partir
De Portugal, o rico, e ir
Em uma nau cheia de tropas
P'ra muitas ilhas, vastas, remotas.] ³

Por intermédio do amigo Pirckheimer, Dürer relacionou-se com as grandes figuras do Humanismo, Erasmo de Roterdão incluído, e da Reforma: Philipp Melancthon, Andreas Bodenstein, mais conhecido por Karlstadt, e o reformador suíço Ulrich Zwingli. Dürer simpatizava com o espírito da Reforma, sem contudo aderir incondicionalmente à nova doutrina. Privilegiou mais os contactos com Melancthon do que com Lutero, por considerar este demasiado radical e intransigente e aquele mais próximo dos ideais humanistas.

A 12 de Julho de 1520 Albrecht Dürer inicia uma viagem aos Países Baixos, na companhia de sua mulher Agnes e da criada Susanna, que durará um ano inteiro, terminando a 15 de Julho do ano seguinte. Ao empreender esta viagem, Dürer tinha em mente dois objectivos, um cultural, pois pretendia estudar os velhos mestres da pintura da escola flamenga e contactar com artistas de Antuérpia, Malines e Bruxelas, e outro de cunho mais pessoal, ver confirmados pelo novo imperador da Alemanha, Carlos V, os privilégios que o seu antecessor, Maximiliano I, lhe tinha outorgado em troca de trabalhos por ele encomendados, privilégios que consistiam na isenção de impostos e numa tença anual, que os agora conselheiros da cidade de Nuremberga se recusavam a pagar-lhe. Dürer viu satisfeitos todos estes objectivos.

N

² É muito provável que Hans Sachs se refira à *Cosmografia* de Sebastian Münster, a quem me referirei mais adiante.

³ Tradução de A. Oliveira CABRAL, «Hans Sachs e a Expansão Portuguesa», in *Rumo*, Lisboa, Novembro 1946, p. 158-159, com ligeiras alterações.

Dessa viagem deixou-nos um interessante relato intitulado *Tagebuch der Reise in die Niederlande* [*Diário da Viagem aos Países Baixos*], onde anota os caminhos seguidos, as estalagens onde se acolheu, conhecimentos que travou, os acontecimentos mais importantes que foram povoando a viagem, bem como despesas feitas e lucros adquiridos com a venda de algumas das suas obras. Este diário reveste um considerável valor como contributo para o conhecimento da história política e cultural da época. O relato que Dürer faz do evoluir da viagem é um testemunho eloquente do esfacelamento político e económico do espaço alemão, dada a grande quantidade de fronteiras que o artista teve de atravessar e as inúmeras barreiras alfandegárias onde pessoas e bagagens foram controladas. Interessa-nos, de forma particular, o relato que Dürer faz da sua estada em Antuérpia, que ele designa por Antorff, onde chegou a 3 de Agosto, pois aí são referidos os contactos e o relacionamento que estabeleceu com figuras portuguesas radicadas na cidade, particularmente com o responsável da feitoria de Portugal, João Brandão, com Rui Fernandes d'Almada, abastado comerciante aí estabelecido e escrivão da feitoria e que mais tarde viria a ocupar o lugar de feitor do nosso país, e a quem Dürer chama signor Ruderisco von Portugal ou simplesmente Ruderigo, Tomé Lopes (Herr Lupes), enviado de D. Manuel à corte de Brabante, e de quem Dürer foi hóspede no banquete por ele oferecido no carnaval de 1521, e Francisco Pessoa, colaborador de João Brandão na feitoria. Mas é sobretudo com João Brandão e Rui Fernandes que Dürer convive durante o tempo em que esteve em Antuérpia. Mais do que uma vez foi convidado para comer tanto por um, como por outro, os quais, por várias vezes, lhe ofereceram presentes. Assim do feitor português recebeu uma bolsa de veludo castanho, três taças de porcelana chinesa, vinho português e francês, que o feitor mandou entregar na hospedaria onde o artista se instalara. Esta facilidade em contactar as pessoas de feitoria portuguesa e a deferência com que por elas é tratado explica-se pelo facto de Dürer ser portador de cartas de recomendação passadas por Jakob Fugger, conceituado e influente banqueiro e homem de negócios de Augsburg, que mantinha contactos comerciais com a feitoria, e que tinha em Lisboa uma delegação comercial e que desde há alguns anos enviava navios à Índia para carregar mercadorias, integrados em frotas portuguesas. É interessante notar que o adjectivo e a forma substantivada derivados do nome de Portugal usados por Dürer são *portugalês*, *portugalisch* e *Portugales*, em vez de *portugiesisch* e *Portugiese* do alemão moderno ⁴. E cito o próprio Dürer: «Item der Factor von Portugal hat mir den Wein in die Herberg geschenkt, portugalisch und französisch» [Também o feitor de Portugal me mandou à estalagem vinho português e francês], «Item hab abermal mit dem Portugales gessen» [Também comi várias vezes com o Português], pode ler-se no seu diário. Mas não é só João Brandão que presenteia Dürer. Também Rui Fernandes o faz abundantemente. É provável que Dürer e Rui Fernandes já se conhecessem, pois Rui Fernandes tinha estado em Nuremberga no ano anterior, ou seja em 1519, durante uma viagem, efectuada, com fins comerciais, a mando de D. Manuel, viagem que o levou também a Frankfurt,

N

⁴ Sebastian MÜNSTER, na sua *Cosmografia*, referindo-se a Damião de Góis, também escreve: «Damianus ein Portugallerer...»

Ulm, Augsburg, onde contactou os célebres banqueiros Fugger e Welser, e Munique, embora na correspondência enviada desses locais não refira uma única vez o nome do artista. No seu diário Dürer enumera os presentes recebidos das mãos de Rui Fernandes: pêssegos, geleia de marmelo e outras doçarias hoje caídas em desuso, cujas designações alemãs da época não são de fácil tradução para português actual. Assim é-lhe oferecido um pequeno barril contendo toda a espécie de guloseimas, talvez compotas cristalizadas, uma caixa de açúcar refinado e cristalizado, duas embalagens com barras de mel solidificado, maçapão, bem como canas de açúcar ao natural, vinho e ostras. Dá-lhe ainda dois lenços indianos, sendo um de seda, um barrete bordado, frutos provenientes da Índia, um ramo de cedro, três papagaios, um dos quais pelo menos Dürer afirma ter vindo de Malaca, seis cocos, a que o pintor chama nozes indianas e um belo coral. Presenteia também a mulher do pintor, a quem se destinava um dos papagaios, com um anel, que o marido calcula valer mais do que cinco florins. O pintor recompensa estas dádivas fazendo de João Brandão e de Rui Fernandes os respectivos retratos a preto e branco, maneira habitual sua de retribuir a hospitalidade de quem o convida. O retrato de Rui Fernandes, então feito por Dürer, encontra-se hoje em Berlim, no Kupferstichkabinett. Além de os retratar, Dürer ofereceu a ambos outros produtos da sua arte: uma pequena imagem do Menino Jesus talhada em madeira e gravuras reproduzindo quadros seus, tais como Adão e Eva, S. Jerónimo na gruta, Hércules, Melancolia, A Virgem amamentando o Menino, Maria coroada por um anjo, Maria com o Menino enfaixado, Santo Antão, o Nascimento de Cristo, Cristo pregado na Cruz, três gravuras da Paixão de Cristo, o Sudário de Verónica, etc. Para Rui Fernandes de Almada Dürer pinta expressamente um quadro a óleo de S. Jerónimo, que se encontra actualmente no museu nacional de arte antiga de Lisboa. Os criados também não são esquecidos. À criada de Dürer, Susanna, dá Rui um ducado. O pintor também não esquece o criado de Rui Fernandes, a quem dá dinheiro mais do que uma vez. Dürer escreve no seu diário: «Ich hab ein Hieronymus mit fleiss gemalt von ölfarben und geschenkt dem Ruderigo von Portugal, der hat der Susanna ein dukaten zu trinkgelt geben.»⁵ [Pinte com todo o empenho um S. Jerónimo a óleo e ofereci-o a Rui de Portugal, o qual deu a Susana um ducado de gorjeta].

É nítido o interesse dos portugueses em conviver e em mostrar-se generosos com tão ilustre visitante, querendo, sem dúvida, homenagear o seu génio, mas por verem nele também um possível divulgador do nome de Portugal e dos seus feitos, dada a fama de que gozava e que já não se circunscrevia apenas à cidade de Nuremberga, mas era igualmente uma referência no meio culto de então, não só do espaço germânico mas até da própria Itália, onde o pintor já tinha tido ocasião de mostrar o seu talento, nas várias visitas que aí tinha realizado. É ainda evidente a intenção de impressionar Dürer com o exotismo dos presentes com que o mimoseam, provenientes dos novos mundos que as viagens dos portugueses iam revelando à Europa e aos quais o artista não deixaria de se referir nos múltiplos contactos que ia entabulando com as figuras mais destacadas tanto do mundo político, como do mundo

⁵ *Tagebuch der Reise in die Niederlande*, p. 76.

cultural da época. Portanto animava os doadores o mesmo objectivo que motivou o rei D. Manuel a organizar a célebre embaixada que enviou à corte papal, impressionar e tornar conhecido o novo Portugal. Mas também Dürer se sentiu atraído pela nossa feitoria, dada «a elevada categoria e importância social e o nobre ambiente cultural» de que desfrutava, como a define Albin Eduard Beau⁶.

No contexto do relacionamento de Albrecht Dürer com os portugueses gostaria de aflorar muito sumariamente um problema que já não é inédito, a questão da autoria do quadro que representa Damião de Góis e que se conserva na galeria Albertina de Viena. Tradicionalmente apresenta-se Albrecht Dürer como seu autor. A razão principal de tal atribuição é o quadro ostentar traços que lembram a arte do pintor de Nuremberga, para além de nele figurar o monograma usado por Dürer para identificar as suas obras. Se abrirmos, por exemplo, o 12.º vol. da *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* encontramos aí uma reprodução do retrato ostentando a seguinte legenda: «Damião de Góis, gravura em cobre de Alberto Dürer, seu amigo». Ora nada há que nos autorize a concluir para a existência de uma relação de amizade entre o pintor de Nuremberga e o humanista de Alenquer. E quanto à autoria do quadro, Albin Eduard Beau, no seu trabalho já referido, rejeita a hipótese de ele ter saído das mãos de Dürer, avançando os seguintes argumentos: a) Dürer e Góis não se conheceram em Antuérpia. Dürer chega a Antuérpia em 1520, demora-se um ano e parte em 1521, convivendo com os portugueses aí radicados durante todo o tempo da sua estada. Ora Góis nessa altura não se encontra em Antuérpia, tendo sido nomeado como escrivão da feitoria brabantina apenas em 1523. Também não se conheceram na Alemanha, pois Dürer morre em 1528 e Góis só inicia as suas viagens fora dos Países Baixos um ano depois, em 1529; b) inicialmente o referido quadro não ostenta as iniciais de Albrecht Dürer, só lhe tendo sido apostas mais tarde; c) nos seus muitos escritos Dürer não refere uma única vez o nome do humanista lusitano, o que seria de estranhar se algum dia com ele se tivesse relacionado e o tivesse retratado; d) também Góis nem nas suas cartas nem noutras publicações refere ter sido retratado por Dürer, nem se refere uma única vez a tal quadro, embora refira algumas vezes o nome do artista. Creio tratar-se de argumentos convincentes, pois os críticos de arte deixaram cair a pretensa autoria do quadro.

É também o ambiente da feitoria lusitana em Antuérpia, fundada por D. Manuel, que vai proporcionar ao cronista do rei Venturoso os primeiros contactos com o mundo germânico. Em 1523, então com 21 anos, Damião chega à cidade do Brabante, enviado por D. João III, para exercer o cargo de escrivão da feitoria portuguesa, sendo feitor Rui Fernandes de Almada. Aí toma os primeiros contactos com o movimento da Reforma e a cultura humanista através de Cornelius Graphaeus, cujo verdadeiro sobrenome era Schryver, que significa escrivão, mas que, como era costume dos humanistas, ele latinizava para Scribonius ou grecizava para Graphaeus. Graphaeus exercia o cargo de secretário do conselho administrativo da cidade, simpatizava com as doutrinas luteranas, era amigo de Erasmo e de Pirckheimer e

⁶ Albin Eduard BEAU, *As Relações Germânicas do Humanismo de Damião de Góis*, Publicações do Instituto Alemão da Universidade de Coimbra, 1941.

tinha travado amizade com Dürer quando este passou por Antuérpia, o qual, no seu diário, refere ter feito dele um retrato a giz, recebendo como presente o escrito de Lutero intitulado *Von der babylonischen Gefangenschaft der Kirche* [Acerca do Cativo Babilónico da Igreja], publicado no ano anterior. Foi também Graphaeus quem ajudou Góis na redacção do texto latino do seu *Legatio Magni Indorum Imperatoris Presbyteri Joannis ad Emmanuelem Lusitaniae Regem*. Góis mostra-se grato por estas ajudas e presenteia Graphaeus com açúcar, limões, limas, laranjas, figos e uvas, que o estômago doentio do humanista muito apreciava. Graphaeus não deixa de agradecer e fá-lo num poema latino que dedica ao doador e que começa com seguintes palavras:

«Bellus homo es, perbella mihi bellaria mittis,
Respondent bello munera bella animo ...»⁷

[És um homem bom, envias-me excelentes guloseimas,
A uma bela alma correspondem belos presentes ...]

Em missão oficial de que foi incumbido pelo monarca português D. João III, Góis empreende duas grandes viagens por países germânicos, a primeira em 1529 que o leva à costa do Báltico, concretamente a Danzig e a Vilnius, e às cidades polacas de Poznan e de Cracóvia; a segunda, realizada em 1531, levou-o a Lübeck, onde trava conhecimento com Johannes Bugenhagen, também conhecido por Johannes Pomeranus, amigo de Lutero e seu colaborador na tradução da Bíblia para alemão, e de novo a Poznan. A caminho desta última cidade passa por Wittenberg, onde vivem e leccionam, na universidade local recém-fundada, os dois vultos mais destacados da Reforma, Martinho Lutero e Philipp Melanchton. Góis chega à pequena cidade da Saxónia no sábado que antecede o domingo de ramos, ou seja no dia 16 de Março. O dono da estalagem onde se acolheu informa-o de que no dia seguinte Lutero vai pregar na igreja local, perguntando-lhe se estava interessado em o ouvir. Perante a resposta afirmativa de Góis, encarregou um criado de lhe ir mostrar onde ficava a igreja. No dia seguinte teve oportunidade de ouvir o sermão do reformador sobre o significado teológico e litúrgico do dia. O conteúdo do sermão deve ter escapado a Góis, pois, embora falasse o baixo alemão, como supõe Oliveira Marques⁸, era desconhecedor do alto alemão em que Lutero se expressava. Contudo as constantes citações bíblicas em latim devem tê-lo ajudado a captar o sentido genérico do mesmo, embora não tenha permanecido na igreja até final. Demorou-se três dias na cidade-berço da Reforma. No dia seguinte, segunda-feira, almoçou com Lutero, Melanchton e o comandante militar da cidade, a convite do hospedeiro da estalagem. Da parte de tarde passou por casa de Lutero cuja mulher, a ex-freira Catarina von Bora, serviu uma merenda muito frugal, constando de maçãs e avelãs. Passou ainda rapidamente por casa de Melanchton. Quem hoje passa por Wittenberg terá faciliti-

⁷ Apud Marcel BATAILLON, *O Cosmopolitismo de Damião de Góis*, p. 50.

⁸ A H. Oliveira MARQUES, *Damião de Góis e os mercadores de Danzig*, Coimbra, 1959, p. 12. Separata do *Arquivo de Bibliografia Portuguesa*, ano IV, n.ºs 15-16.

dade em identificar estes edifícios, pois todos eles ostentam placas indicando o nome dos moradores da época relacionados com a corrente humanista e o movimento reformador. Na terça-feira almoçou com Melanchton na estalagem, prosseguindo depois viagem rumo a Poznan. Tanto esta visita como alguma correspondência trocada mais tarde com Lutero e Melanchton iriam torná-lo suspeito aos olhos da Inquisição. Podemo-nos perguntar que motivações levaram o humanista português até Wittenberg. Com certeza a curiosidade, uma curiosidade meramente intelectual e não uma curiosidade motivada por uma crise pessoal de índole religiosa que o levasse a buscar uma alternativa às crenças em que tinha sido educado. Tendo tomado consciência do impacto e da expansão do movimento reformador, nada mais natural do que o desejo de conhecer tanto os seus corifeus como a cidade que lhe serviu de berço, tanto mais que ela ficava-lhe a caminho, não necessitando de fazer grandes desvios; depois querer ouvir da boca do próprio Lutero as características e os objectivos doutrinários e morais do seu movimento. Claro que na curta conversa que manteve tanto com Lutero como com Melanchton foram abordados também temas concretos, como por exemplo o valor da confissão auricular, prática que os reformadores achavam prescindível, posição que o próprio Góis acabaria por achar razoável, como mais tarde confessará perante o tribunal da Inquisição. Esta viagem ao centro da Europa proporcionou a Damião de Góis inúmeros contactos com outras figuras do Humanismo e da Reforma, todas elas homens de vasto saber, o que gerou no humanista um grande desejo de se valorizar culturalmente e, por isso, uma vez regressado, não se fixa em Antuérpia, mas segue para Lovaina, em cuja universidade se matricula no curso de latinidades. A universidade de Lovaina era já sobejamente conhecida pelo seu alto nível cultural, frequentada também por portugueses, André de Resende, por exemplo, o qual fez a apologia da cidade e da sua universidade no seu *Encomium urbis et academiae Lovaniensis*, publicado em Antuérpia em 1530, bem como por estudiosos de toda a Europa. A universidade lovaniense em geral e a faculdade de teologia em particular constituíram um forte baluarte contra o avanço do luteranismo, o que explica que a Bélgica se tenha mantido maioritariamente fiel à confissão católica. Não foi longa a permanência de Góis em Lovaina, cerca de oito meses, pois uma doença do foro oftalmológico obrigou-o a interromper os estudos. Mas o tempo que aí permaneceu foi particularmente rico em contactos mais alargados com a cultura germânica e alguns dos seus mais destacados representantes na região flamenga, beneficiando da admiração europeia de que Portugal gozava devido aos seus feitos marítimos. A formação universitária de Góis irá prosseguir em Pádua. Parte para a cidade italiana onde chega em Setembro de 1534, precedido de uma carta de recomendação de Erasmo para Pedro Bembo, secretário do papa Leão X, retirado para Pádua para aí, como ele dizia, passar o resto da sua vida dedicado à cultura e ao convívio com os amigos. Mais tarde viria a ser feito cardeal. Nessa carta de recomendação, datada de 11 de Novembro de 1533, Erasmo apresentava Góis como alguém discretamente exornado de óptimos costumes e de toda a honradez e bom gosto, «optimis moribus et omni elegantia et suavitate sane praeditus». Damião mantém-se em Pádua até 1538 entregue ao estudo da filosofia e das latinidades e empreendendo viagens a outras cidades italianas. Foi em Pádua que contactou com Inácio de Loyola, fundador da Companhia de Jesus, e com o seu cola-

borador, o Padre Simão Rodrigues, que mais tarde o havia de denunciar ao tribunal do Santo Ofício, despeitado talvez por ver Góis nomeado para preceptor do príncipe D. João, lugar que ele almejava para si próprio ou outro membro da Companhia. A primeira denúncia foi feita nos seguintes termos:

«Elle no anno de trinta e hum indo da corte d'elrei de Dinamarca pera a d'elrei de Pollonia homde foi fazer certos negocios que lhe encarregarão: passou pella universidade de Witemberga em Alemanha homde antão residia o maldito de Martinho Luthero, heresiarcha famoso; e Phelipe Melancthon seu sequaz: e com elles fallou e comeo e bebo; detendosse ally per espaço de dous dias, desviando-se do caminho direito que levava tres ou quatro legoas por ver ao dito Luthero, hindo per huma vez ouvir como pregava sua perverssa doctrina, e depois escrevendo cartas a elles ambos e recebendo respostas suas a ellas ...»⁹

Os contactos estabelecidos por Damião de Góis tanto em Lovaina como em Pádua com figuras marcantes da cultura da época abriram-lhe amplos horizontes e foram de capital importância para a configuração do seu espírito de humanista. Seria enfadonho apresentar o longo elenco dos nomes de todas as figuras com quem conviveu. Desse trabalho já se encarregaram, entre outros, Maximiano Lemos em «Damião de Goes», *Revista de História*, vol. IX, X e XI, dos anos de 1920, 21 e 22, e Albin Eduard Beau no seu já referido livro *As Relações Germânicas do Humanismo de Damião de Góis*. Limitar-me-ei a focar alguns aspectos do seu relacionamento com o grande humanista de projecção europeia, Erasmo de Roterdão, dado tratar-se de um relacionamento privilegiado, tanto pela convivência directa, como pela abundância da correspondência epistolar trocada entre ambos, denotando uma amizade e uma admiração mútuas profundas. Assim Erasmo, nas cartas trocadas com Góis, dirige-se-lhe com os vocativos *ornatissime Damiane*, *Damiane clarissime*, *Damiane charissime*, entre outros. Góis encontra Erasmo pela primeira vez em 1532, em Friburgo de Breisgau, tendo jantado com ele, incidindo a conversa entre ambos durante a refeição sobre coisas da humanidade, como confessa o próprio Damião. Apesar de curto, este encontro foi suficiente para selar uma amizade profunda e duradoura entre ambos. De Friburgo Góis segue para Basileia, onde se encontra com outras figuras de humanistas e de simpatizantes do movimento reformista. À porta duma livraria encontra Sebastian Münster, um conhecido hebraísta, tendo sido chamado a Basileia para ensinar o hebraico. Era autor de uma gramática e de um dicionário hebraicos, bem como de uma gramática caldaica. Era também cosmógrafo. Foi discípulo do célebre humanista Johannes Reuchlin, pioneiro do ensino do grego na Alemanha e autor duma gramática hebraica, redigida em latim e intitulada *De Rudimentis Hebraicis*, da qual se serviu Lutero para se iniciar no estudo do hebraico. A Münster se deve a primeira edição completa da Bíblia hebraica bem como uma obra intitulada *Cosmographia*, que é uma espécie de atlas das várias

N

⁹ Apud A. P. Lopes de MENDONÇA, *Damião de Goes e a Inquisição de Portugal*, Lisboa, Tip. da Academia Real das Ciências, 1859, p. 34.

regiões. Aí Münster refere-se ao Infante D. Henrique e às descobertas portuguesas nos seguintes termos:

[...], homem magnânimo, foi o primeiro que empreendeu navegar sobre o mar para terras desconhecidas, chegou à Ilha da Madeira [*Mederam*], que está muito próxima e completamente deserta, mas que tem um solo precioso e fértil para todos os frutos, e sobretudo cresce lá o melhor açúcar que se pode encontrar no estrangeiro. Viajou depois para as Ilhas Canárias e navegou daí para o sul e para a África, e achou muitas coisas estranhas. Vários anos mais tarde, nomeadamente no ano de Cristo de 1500, o Rei Manuel organizou uma grande expedição marítima e enviou-a para ocidente, sul e oriente, e descobriu coisas maravilhosas. Achou a rota para o novo mundo desconhecido, a que chamam as Novas Ilhas; descobriu também a rota pela qual se navega de Portugal para a Índia e donde se traz por via marítima toda a espécie de condimentos e de especiarias, como ele comunica e celebra numa carta ao papa Leão¹⁰.

Góis faz questão de sublinhar que a conversa que manteve com Münster não incidiu em coisas contra a fé. Em 1534, antes de partir para Pádua, Góis hospeda-se em casa de Erasmo, em Friburgo, por um período de cinco meses, o que aprofunda o convívio entre ambos, convívio que se traduziu também por um abundante contacto epistolar. Tanto Erasmo como Góis lançavam mão da pena para se dirigirem um ao outro pelos mais variados motivos. Em princípios de 1536 recebe Damião de Góis uma carta do seu amigo onde este lhe dava conta do seu precário estado de saúde. Góis responde-lhe procurando levantar-lhe o ânimo. Mais tarde, perante o tribunal da inquisição, Góis dará de Erasmo, sobre o qual caíam suspeitas de heresia, o seguinte testemunho: «da boca do qual juro pela verdade que devo a meu senhor Jesus Cristo, que nunca ouvi palavra, nem tivemos nunca prática em que nela pudesse sentir senão que era muito católico cristão e inimicíssimo de Lutero, e de sua heresia, e assim doutras que por nossos pecados ao presente há...»¹¹ Podemos perguntar: de que falava Góis com Erasmo e com os outros representantes da corrente humanista germânica, tanto nos colóquios directos que com eles mantinha, como na abundante correspondência que com eles trocava? Falava dos descobrimentos portugueses, dos novos mundos, dos novos povos. Ele próprio o diz numa das suas cartas: «incidit nobis sermo de rebus Lusitanicis, nempe de expeditionibus Indicis, Arabicis, Persicis, de itineris ad eas regiones...»¹², [A nossa conversa incidia sobre coisas portuguesas, a saber, as expedições à Índia, à Arábia, à Pérsia e os caminhos para essa regiões]. Claro que não era só este o tema de tais colóquios. Também pela pena do próprio Góis ficamos a saber que se falava «de coisas da Humanidade», i. é, de tudo aquilo que serve para enobrecer, valorizar, numa palavra, humanizar o homem. Por isso o tema das suas conversas abarcava um leque muito vasto. Falava-se de moral, de ciência, de arte, de gramática, de literatura, de filosofia e natural-

N

¹⁰ Tradução de A. Oliveira CABRAL, loc. cit., p. 167, com ligeiras alterações.

¹¹ Apud Maximiano LEMOS, «Damião de Goes», in *Revista de História*, vol. X, 1921, p. 43.

¹² Apud Albin Eduard BEAU, op. cit., p. 113.

mente também de religião. Com as figuras do humanismo mais ligadas à Reforma a temática dos seus colóquios incidia preferencialmente sobre a crise provocada pela situação religiosa e sobre aspectos concretos da nova doutrina. Embora nunca tendo aderido ao luteranismo de alma e coração, está fora de dúvida que os contactos que Góis manteve com as figuras da Reforma contribuíram para o afrouxamento temporário das suas convicções relativas à fé católica. Como ele próprio confessou perante o tribunal da Inquisição, depois do seu regresso definitivo a Portugal em 1545, durante certo tempo menosprezou o valor das indulgências, contestou o valor da prática da confissão auricular e foi partidário de que aos fiéis fosse distribuída a comunhão sob as duas espécies, do pão e do vinho, como defendiam os luteranos.

Refira-se agora que as relações de Erasmo com Portugal não se esgotam nos contactos entre os dois humanistas. Basta lembrar que Erasmo faz preceder as suas *Chrysostomi Lucubrationes* (1527) de um prólogo, onde dedica a obra a D. João III. Fê-lo a conselho dum seu admirador e amigo, o negociante de Antuérpia, Erasme Schets. Tendo-se Erasmo lamentado de dificuldades financeiras, Schets escreve-lhe a 17 de Março de 1526, aconselhando-o a dedicar um dos seus escritos ao rei de Portugal, gesto que não ficaria sem recompensa:

«Tens dedicado muitos dos teus escritos aos monarcas e a muitos príncipes deste mundo. Admiro-me por ainda nada teres dedicado ao rei de Portugal, príncipe tão cristão entre os cristãos, tão liberal, tão benevolente, tão generoso para com os que o servem, sobretudo para com aqueles que sabem tornar conhecido, nos seus sermões ou nos seus escritos, o fruto do Evangelho [...]. Este rei, que é ainda um jovem, mostra-se assim digno do seu bom pai Manuel, com quem outrora manteve conversas variadas e familiares e de quem eu sei que todos os anos gastava muito dinheiro por amor das ciências, sobretudo das ciências teológicas.»¹³

Erasmo não esqueceu o conselho do seu amigo e volvidos meses envia-lhe um breve recado: «De Rege Portugallie meminero quum primum datur ocium» [Quanto ao rei de Portugal, pensarei nisso quando tiver oportunidade]. A oportunidade da dedicatória sugerida por Schets surgiu quando, no final desse ano de 1526, Erasmo resolveu verter para latim um manuscrito do séc. XI contendo algumas homilias de S. João Crisóstomo, a que deu o título referido, *Chrysostomi Lucubrationes*. O prólogo a essa tradução é uma carta dirigida a D. João III, onde Erasmo traça um panegírico do rei D. Manuel, referindo os seus feitos que muito contribuíram para que a sua glória se estendesse por toda a terra. Mas Erasmo também lamenta que os bens chegados de paragens e por caminhos que os portugueses descobriram se tenham tornado monopólio de alguns, o que tem contribuído para o seu encarecimento e perda de qualidade, quando seria de esperar o contrário. Erasmo faz-se eco duma acusação que então circulava contra os portugueses de venderem pimenta

N

¹³ Apud Marcel BATAILLON, «Erasmus et la Cour du Portugal», in *Arquivo de História e Bibliografia*, 1923-1926, II vol., Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1976, p. 265.

estragada¹⁴. D. Manuel é ainda elogiado como mecenas de estudiosos, sobretudo de teólogos. Claro que Erasmo não podia ficar-se só pelo elogio do pai do destinatário da carta. Também D. João III é objecto de grandes encómios. Escreve que afinal D. Manuel não morreu, pois continua vivo na obra que o filho prossegue:

«Tudo o que ele gloriosamente tinha empreendido, tu o levaste a bom termo, tudo o que ele tinha terminado, tu o consolidaste; os seus ilustres feitos tu os ampliaste. [...] aumentaste a remuneração dos homens de estudo [...]. E não contente com favoreceres e encorajares mestres e alunos das várias classes de estudos sobretudo de teologia, tu próprio, desde muito novo, aprendeste o grego e o latim, orientado por homens muito sábios – entre outros Luís Teixeira, com quem, em Itália, mantive relações de amizade, amizade que eu conto entre as felicidades da minha vida»¹⁵.

Este Luís Teixeira referido por Erasmo foi cosmógrafo-mor do reino e escreveu, em latim, uma *Descrição da Ilha Terceira*, nos Açores, e uma *Descrição do Japão*. Elaborou também um grande mapa geográfico e hidrográfico da terra. Mas afinal qual foi a recompensa recebida por Erasmo por tão laudatório prólogo? Nenhuma, para grande frustração sua e de seu amigo Schets. Porquê este silêncio? Com certeza que esteve em campo a censura exercida pela feitoria de Antuérpia. Erasmo tinha cometido um deslize ao referir-se ao monopólio dos novos produtos, ao seu alto preço e à deterioração da sua qualidade. Tal referência teria desagradado à feitoria de Antuérpia, levando talvez o feitor, Rui Fernandes de Almada, a reter o livro, impedindo que ele chegasse às mãos de D. João III. Aliás Erasmo parece estar ao corrente dos verdadeiros motivos de tal silêncio, pois em carta de 29 de Agosto de 1530, dirigida a Schets, escreve: «Um jovem português notável veio ver-me. Da boca dele soube a razão porque a minha dedicatória não foi bem sucedida. Eu estava mal informado a respeito da família do rei e a alusão ao monopólio não lhes agradou. Também não ousaram apresentar a obra ao rei». Despeitado, Erasmo desabafa: «De futuro mando para o diabo esta raça judaica». Neste desabafo está bem patente um certo anti-semitismo de Erasmo. Na edição de 1530 da obra o prólogo dirigido ao rei português desaparece. Contudo, parece que o agastamento de D. João III contra Erasmo não era assim tão grande, pois mais tarde fará chegar-lhe às mãos um donativo avultado. Em carta dirigida a Damião de Góis enviada de Friburgo e datada de 25 de Julho de 1533, Erasmo encarrega o seu amigo de apresentar ao monarca os seus agradecimentos e de pedir desculpas por qualquer coisa menos correcta que tenha escrito no prólogo à sua tradução das homilias de S. João Crisóstomo. Além disso D. João III chegou a pensar trazer Erasmo para a cidade do Mondego, quando planeava a transferência para Coimbra da Universidade de Lisboa.

N

¹⁴ Sebastian Münster, por exemplo, na sua já referida *Cosmografia*, aduz o testemunho do italiano Paolo Jovio, que afirmava que os portugueses «o que é bom guardam-no, e o que para nada presta vendem-no caríssimo. Alegam eles que se esforçam com a sua navegação por expandir a religião cristã e, sob esse disfarce, buscam seu grande lucro. Falam como se sofressem grandes prejuízos no mar e, com esse pretexto, mais oneram ainda a especiação.» Apud A. Oliveira CABRAL, loc. cit., p. 167.

¹⁵ Apud Marcel BATAILLON, ibid., pp. 277-278.

Concluindo, podemos afirmar que as relações culturais luso-alemãs ao longo do séc. XVI foram muito vastas e riquíssimas nos frutos que produziram. Traduziram-se numa espécie de osmose, em que os alemães nos transmitiram as novas ideias, as novas tendências culturais e as novas doutrinas e os portugueses os informaram das nossas proezas marítimas, das características dos novos mundos e dos costumes dos novos povos que íamos descobrindo.

Bibliografia

- BATAILLON, Marcel – *O Cosmopolitismo de Damião de Góis*, trad. e prefácio de Castelo Branco Chaves, 2.^a Ed., Lisboa, Documentos, 1974.
- IDEM – «Erasmus et la Cour du Portugal», in *Arquivo de História e Bibliografia*, 1923-1926, II vol., Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1976.
- BEAU, Albin Eduard – *As Relações Germânicas do Humanismo de Damião de Góis*, Publicações do Instituto Alemão da Universidade de Coimbra, 1941.
- DÜRER, Albrecht – *Tagebuch der Reise in die Niederlande*, hrsg. von Dr. Friedrich Leitschuh, Leipzig, Brockhaus, 1884.
- THEMUDO BARATA, Maria do Rosário de Sampaio – *Rui Fernandes de Almada*, Lisboa, Instituto de Alta Cultura, 1971.